

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica

Narcisismo e psicologia das massas:
uma exploração teórica

Abel Passos do Nascimento Júnior

Belo Horizonte

2019

Abel Passos do Nascimento Júnior

**NARCISISMO E PSICOLOGIA DAS MASSAS:
UMA EXPLORAÇÃO TEÓRICA**

Monografia apresentada ao Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para obtenção do título de Especialista em Teoria Psicanalítica.

Orientador: Verlaine Freitas

Belo Horizonte

2019

150
N244n
2019

Nascimento Júnior, Abel Passos do
Narcisismo e psicologia das massas [manuscrito] : uma
exploração teórica / Abel Passos do Nascimento Júnior. -
2019.
35 f.
Orientador: Verlaine Freitas.

Monografia apresentada ao curso de Especialização em
Especialização em Teoria Psicanalítica - Universidade
Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências
Humanas.

Inclui bibliografia

1.Psicologia. 2.Psicanálise. 3.Narcisismo. I. Freitas,
Verlaine. II. Universidade Federal de Minas Gerais.
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM TEORIA PSICANALÍTICA

UFMG

Declaração

Declaro para os devidos fins que **ABEL PASSOS DO NASCIMENTO JÚNIOR**, aluno do Curso De Especialização em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal de Minas Gerais, concluiu o curso de especialização no dia 08 de julho de 2019, data em que defendeu a monografia intitulada “**Narcisismo e Psicologia das Massas: Uma Exploração Teórica.**”.

Belo Horizonte, 8 de julho de 2019.

Cassandra B. França

Prof. Cassandra Pereira França
Coordenadora do Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica

RESUMO

O narcisismo como concebido por Freud trouxe diversas alterações na teoria psicanalítica, como a modificação na dualidade pulsional. Ideias surgiram a partir deste texto e foram desenvolvidas ulteriormente como a segunda tópica. Como fruto de reflexões a respeito dos conflitos armados, surge o texto sobre a psicologia das massas. Muito foi explorado pelo próprio autor, associando características do narcisismo aos fenômenos grupais, mas alguns aspectos dignos de nota ficaram pendentes. Seja por não terem sido motivo de atenção direta de Freud, seja pelo fato de a teoria psicanalítica não ter atingido o desenvolvimento necessário para tal exploração. Este trabalho visa realizar este percurso pela teoria a fim de elucidar as formas de se pensar o narcisismo e a psicologia das massas, utilizando, para isto, as fases do desenvolvimento e a segunda teoria pulsional.

Palavras-chave: Psicologia. Psicanálise. Narcisismo. Psicologia das massas. Modelos pulsionais.

ABSTRACT

The narcissism as conceived by Freud brought several alterations in the psychoanalytic theory as the change in the pulsional duality. Some Ideas emerged from this text and were further developed as the second topic. As a result of reflections about armed conflicts, the text on the psychology of the masses emerges. Much was explored by the author by associating narcissism characteristics to group phenomena, but some noteworthy aspects were outstanding. Either because they have not been the cause of Freud's direct attention, either by the fact that psychoanalytic has not attained the necessary development for such exploration. This work aims to carry out this course by theory in order to bring some light to the narcissism and the psychology of the masses, using, for this, the phases of the development and the second pulsional theory.

Keywords: Psychology. Psychoanalysis narcissism. Psychology of the masses. Pulsional models.

AGRADECIMENTOS

À minha esposa por toda paciência e amor durante meus estudos.

Ao meu orientador, Verlaine Freitas, pela paciência com as minhas insistências.

Ao corpo de professores do CETEP que tanto contribuíram para a ampliação do meu conhecimento.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	NARCISISMO: UMA VISÃO GERAL DO CONCEITO	7
3	PSICOLOGIA DAS MASSAS	17
3.1.	Compreendendo a psicologia das massas	17
3.2.	Relação entre narcisismo e psicologia das massas.....	29
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
	REFERÊNCIAS	33

1 INTRODUÇÃO

O artigo de Freud “Introdução ao narcisismo” nasceu de um conflito com a aplicação da psicanálise que Jung realizou, encontrando limitações da abordagem psicanalítica para explicar os fenômenos relativos à esquizofrenia. No intuito de combater as afirmações de Jung, surge o artigo em questão, propondo novos modelos pulsionais, alargando os horizontes da compreensão dos sintomas em pacientes esquizofrênicos. O texto não pode ser reduzido a um mero conflito de interesses teóricos pessoais, mas sim compreendido como surgimento de uma psicanálise que daria sustentação a novas formulações teóricas como a segunda tópica, a análise dos comportamentos grupais, dentre outros. — Com o intuito de realizar uma exploração teórica sobre o narcisismo, abordaremos neste trabalho a psicologia das massas a partir deste conceito.

No artigo “Psicologia das massas e análise do Eu”, Freud explicitou muito da relação entre a psicologia das massas e o conceito de narcisismo. Ainda assim, compreendemos que uma vinculação mais direta entre tais conceitos, procurando acentuar a estreita relação entre os dois artigos, pode trazer esclarecimentos até então inexplorados, já que o objetivo de Freud ao escrever o artigo sobre psicologia das massas era o de explicar o funcionamento destas a partir de diversos conceitos psicanalíticos e não o de desenvolver a associação entre narcisismo e o funcionamento psíquico dos fenômenos grupais.

Os artigos de Freud utilizados para compor este trabalho foram as versões traduzidas direta do alemão por Paulo César de Souza e impresso e distribuído pela Cia das letras. Como o tradutor não seguiu as opções terminológicas mais correntes na literatura psicanalítica nestas obras, não traduzindo *Verdrängung* por “recalcamento” (e sim por “repressão”) ou *Trieb* por “pulsão” (e sim por “instinto”), quando houver qualquer citação dos textos de Freud cujos conceitos se remetam a tais opções, serão devidamente alterados para expressões que estejam mais coerentes com as formulações da teoria psicanalítica.

2 NARCISISMO: UMA VISÃO GERAL DO CONCEITO

O mito grego de Narciso nos conta a história de um jovem grego que, muito belo e sedutor, é punido pela deusa Némesis por desdenhar o amor das ninfas, especialmente Eco, a apaixonar-se pela própria imagem. Quando viu sua própria imagem às margens de um lago no espelho d'água, enamorou-se dela e sucumbiu a tal encanto. A semelhança do mito à perfeição ilusória do Eu que se apresenta em algumas fases do desenvolvimento humano serviu perfeitamente à analogia que Freud demonstrou a partir deste conceito.

O narcisismo aparece na obra freudiana em várias passagens até culminar no artigo de 1914. Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, nos artigos sobre Leonardo Da Vinci e sobre Schreber, e em *Totem e tabu*, onde Freud associa o narcisismo ao caráter onipotente dos pensamentos dos povos primitivos. Estes artigos não contemplam todas as ocorrências do narcisismo na obra freudiana, mas nos permitem perceber como a ideia do narcisismo já estava sendo desenvolvida como explicação para a economia libidinal.

Freud, ao elaborar o texto de 1914 sobre o narcisismo, quis dar uma resposta à ideia de Jung de que a teoria da dualidade pulsional vigente (pulsão de autoconservação e pulsão sexual) não eram capazes de explicar os fenômenos psicóticos. Jung se apropria de uma expressão isolada do artigo de Freud sobre o caso Schreber para lhe demonstrar a suposta falha teórica.

Esta incitação de Jung tem raízes no moralismo vigente entre os suíços no início do século XX, o que fez com que o discípulo de Freud alterasse significativamente os principais conceitos da psicanálise. Ele divulga em público a teoria analítica destituída do que ela tinha de maior valor: a importância do sexual no surgimento das neuroses e o funcionamento da libido. Após as conferências proferidas por Jung na sua viagem aos Estados Unidos, onde retira o sexual de toda teoria freudiana, Freud se vê obrigado a responder de forma contundente a um de seus melhores adeptos para sustentar as bases nas quais a psicanálise foi fundada.

Embora o conceito de narcisismo não tivesse sido claramente desenvolvido no período da dissidência entre mestre e aprendiz, a exploração teórica do conceito, associando-o à economia libidinal, já aparece em diversos artigos anteriores de Freud. De qualquer forma, a disputa entre Freud e Jung proporcionou à psicanálise

uma modificação significativa na teoria pulsional que acabaria por introduzir uma gama de conceitos ulteriormente exploradas por Freud. À guisa de exemplo, o texto *O Eu e o Isso* pode ser compreendido como um desdobramento do conceito de consciência moral surgido e estruturado como o plantar de uma semente que germinaria um novo modelo do aparelho psíquico.

Antes de explorar tal proposta, é necessário compreender a alteração na teoria pulsional. Até o texto “Introdução ao narcisismo” de 1914, a teoria pulsional contemplava apenas duas pulsões: de autoconservação e sexual. A primeira mais vinculada a processos biológicos e mais conectada ao princípio da realidade, e a segunda como sede dos mecanismos responsáveis por impelir o psiquismo em direção ao princípio do prazer. Embora Freud já tivesse citado pontualmente algo de uma libido do Eu, nunca foi objeto de seu interesse aprofundar os conceitos psicanalíticos em relação a essa noção. As referências a este conceito encontradas ao longo de sua obra tiveram como meta explicar a organização das pulsões e os movimentos libidinais no psiquismo do indivíduo.

Enquanto o princípio da realidade, associado à sobrevivência do indivíduo, é uma forma de expressão da pulsão de autoconservação, a pulsão sexual, antes representada apenas pelo princípio do prazer, ganha um novo formato. A libido será dividida entre libido do Eu e libido de objeto. Desta forma, Freud postula que o Eu é dotado de investimento libidinal, o que ajudaria a explicar, através de conceitos psicanalíticos, o funcionamento psíquico dos esquizofrênicos.

No entanto, uma alteração no conceito da pulsão sexual desta ordem leva a concepções diferentes do funcionamento psíquico. Pensando nisto, Freud procura explicar situações da vida cotidiana a partir da divisão libidinal da pulsão sexual. Como a libido oscilará entre a do Eu e a de objeto, torna-se necessário compreender onde se concentra uma em detrimento da outra, suas repercussões para a vida psíquica e como se aplica aos conhecimentos já desenvolvidos na psicanálise.

Partindo do primado da genitalidade, pode-se pensar inicialmente que a retirada da libido de objetos externos acarretaria algum tipo de perversão. Entretanto, observa-se este movimento libidinal tanto nas crianças como em povos primitivos. Freud em seus textos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” e *Totem e tabu* confirma a ideia de que a sensação de grandiosidade e poderes sobrenaturais faz parte das fases do desenvolvimento libidinal do ser humano. Nas brincadeiras das crianças observa-se uma superestimação de suas capacidades

físicas, mentais e sensoriais. Os super-heróis encontrados tanto nos quadrinhos quanto nos desenhos animados é uma forma de expressão desta onipotência infantil. A este período da infância — onde a libido não se encontra direcionada a objetos externos, mas ao próprio indivíduo, característica fundamental para a promoção da organização das pulsões parciais, Freud denomina de narcisismo primário, que, devido ao ingresso na cultura e na sociedade, necessita se submeter a regras que quebram esta onipotência.

Quanto aos povos primitivos, o narcisismo se manifesta de uma outra forma, embora a capacidade de controlar a natureza, atribuir-se poderes espirituais, não se encontra apenas nos períodos infantis iniciais, mas se perpetuam nas crenças de períodos ulteriores da vida, a atribuição a si de um caráter místico supervalorizado não significa ter havido uma completa retirada da libido dos objetos por eles.

Em casos como a megalomania, a melancolia ou a esquizofrenia a libido é retirada dos objetos e concentrada no Eu, embora com organizações diferentes, refletindo a pouca ou nenhuma importância que o indivíduo atribui ao mundo exterior. Nada que não esteja diretamente vinculado ao Eu do sujeito permanece digno de dedicação ou atenção.

Não são apenas nas situações citadas que ocorre retirada de libido do objetos. Na hipocondria, partes do corpo do indivíduo são investidas pulsionalmente. Enquanto durar tal tensão, tudo o que não tiver estreita relação com o foco de sua atenção perderá qualquer interesse. De forma análoga, a doença orgânica provoca as mesmas flutuações libidinais. Enquanto o órgão doente provocar incômodo, ele será investido libidinalmente, deixando os objetos externos em condição de abandono e indiferença. Cessado o motivo que desencadeou esta organização libidinal, os objetos são novamente investidos eroticamente. Embora na hipocondria o sintoma não se encontre diretamente associado ao órgão que se torna objeto de investimento libidinal, pois não existe qualquer comprometimento fisiológico que o justifique, é possível interpretar seu funcionamento como o mesmo quando existe um órgão doente. A simbologia existente no inconsciente do sujeito e que é responsável pela manifestação do sintoma pode ser comparada às conversões históricas, pois não há qualquer desorganização anatomofisiológica que seja responsável por este adoecimento.

Assim como a hipocondria pode ser comparada à neurose histérica devido ao caráter inconsciente de seu investimento psíquico, cujo sentido pode ser encontrado

através do tratamento analítico que permita o acesso aos conteúdos recalçados que provocam as manifestações dos dois quadros, também se pode encontrar similaridades entre o funcionamento de um esquizofrênico e a neurose obsessiva. Ambos possuem crenças, rituais, fixações que se assemelham. No entanto, enquanto o esquizofrênico procura através da manifestação de sua doença uma forma de reorganização libidinal, concentrando a libido no Eu, aumentando a tensão por seu excesso, retirando qualquer investimento em objetos externos, o obsessivo, apesar do investimento no Eu, sua libido não fica aprisionada e é possível se ligar eroticamente a outros objetos externos a ele ou internamente através da fantasia. No entanto, o excesso libidinal no Eu acontece tanto nos esquizofrênicos quanto nos neuróticos. A diferença reside na retenção desta carga pulsional no Eu, inibindo as tentativas de ligação a objetos externos, pelos primeiros, enquanto nos segundos, o direcionamento aos objetos é condição para manutenção saudável do psiquismo, provocando alívio da angústia e das tensões existentes por este movimento libidinal. Nas palavras de Freud sobre a angústia neurótica: “Sabemos que essa angústia pode acabar através de mais elaboração psíquica, isto é, por conversão, formação reativa, formação protetiva (fobia)” (FREUD, 1914, p. 29-30).

Com o objetivo de sintetizar muitas das ideias descritas até agora, sabendo que na esquizofrenia a retirada de investimento libidinal em objetos externos acontece apenas parcialmente, teremos:

1. Manifestações neuróticas, com certa normalidade;
2. As manifestações patológicas, retirando a libido dos objetos (megalomania, hipocondria, enamoramento, etc);
3. Quando a libido é redirecionada a objetos como na histeria (esquizofrenia) ou como na neurose obsessiva (paranoia).

No entanto, tais religamentos aos objetos externos nos quadros esquizofrênicos são consideravelmente diferentes do que acontece na neurose, tendo mecanismos de funcionamento bastante diverso.

A observação dos direcionamentos da libido sexual demonstra a existência de dois tipos de narcisismo. O primeiro, denominado narcisismo primário é aquele da infância, onde o Eu ainda não se encontra suficientemente desenvolvido para o investimento libidinal em objetos externos. O segundo, ao qual Freud denomina narcisismo secundário, é aquele onde, após haver um investimento libidinal em

objetos externos, ocorre uma retração da libido para o Eu, tal como foi citado a respeito da megalomania dos esquizofrênicos.

Qual é o motivo da retirada de energia libidinal do Eu e seu envio a objetos? Como resposta, Freud menciona que “tal necessidade surge quando o investimento do Eu com libido superou uma determinada medida. Um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas afinal é preciso começar a amar, para não adoecer, e é inevitável adoecer, quando, devido à frustração, não se pode amar” (FREUD, 1914, p. 28).

A oscilação da libido entre libido do Eu e de objeto nos aponta ainda outros caminhos possíveis. No enamoramento, de acordo com Freud, ocorre um empobrecimento do Eu, destinando uma grande carga da pulsão sexual ao seu objeto de desejo. Embora a balança energética, oscilação da quantidade de libido entre o Eu e o objeto, postulada por Freud tenha sido mencionada no artigo de 1914, ela é questionada na sociedade psicanalítica de Viena logo após a publicação do documento. Para exemplificar a fragilidade do conceito, na melancolia, embora ocorra um desligamento da libido de objetos, fazendo com que ela retorne ao Eu, este movimento pulsional não é suficiente para engrandecer o Eu.

No complexo edípico, os objetos de desejo se encontram diretamente ligados às experiências iniciais com os cuidadores do indivíduo, seja mãe, pai ou qualquer outro que tenha se tornado sua referência erótica.

Desta forma, quando a escolha de objeto é correspondente àqueles que foram cuidadores do indivíduo na infância, é denominada por Freud como escolha de tipo de apoio, ou, de acordo com a tradução realizada pela editora Imago, de tipo anaclítico.

No entanto, podemos encontrar um outro tipo de escolha de objeto quando o objeto em questão não é o cuidador do indivíduo, mas ele próprio. Alguns autores indicam que tal característica é típica em homossexuais. Devido ao objeto de desejo ser o próprio indivíduo ou aquele com o qual se assemelha, Freud o definiu como escolha de objeto do tipo narcísica.

Nas palavras de Freud:

não concluímos que as pessoas se dividem em dois grupos bem diferenciados, conforme sua escolha de objeto obedeça ao tipo narcísico ou ao 'de apoio'. Preferimos supor, isto sim, que para cada pessoa ficam abertos ambos os caminhos da escolha de objeto, sendo que um ou outro pode ter a preferência. Dizemos que o ser humano tem originalmente dois

objetos sexuais: ele próprio e a mulher que o cria, e nisso pressupomos o narcisismo primário de todo indivíduo, que eventualmente pode se expressar de maneira dominante em sua escolha de objeto (FREUD, 1914, p. 31-32).

Utilizando como referência os dois tipos de escolha de objeto, Freud postula que a de tipo de apoio é característica do homem, enquanto a de tipo narcísico aparece predominantemente entre as mulheres, ocorrendo principalmente entre as mulheres belas. Como, em geral, o primeiro contato de todo ser humano é com a mãe, a mulher se torna o objeto de desejo por excelência, ou seja, tanto o homem como a própria mulher têm como objeto de desejo a mulher. Pode-se inferir daí que a mulher não faz outra escolha de objeto que não seja ela mesma, exceto se ela se masculinizar, tal como Freud menciona em outra parte do texto. Padronizando a mulher como objeto de desejo e sabendo que as mulheres belas exercem especial atração por aqueles que renunciaram ao seu narcisismo, Freud coloca estas mulheres como incapazes de realizar uma escolha de objeto de tipo de apoio mantendo sua feminilidade. Ao mencionar que as mulheres são amadas, enquanto os homens amam, Freud confirma esta posição do público feminino.

A partir da ideia de que as mulheres belas tem um tipo de escolha de objeto narcísica, outras formulações se apresentam dignas de atenção. Aqueles que fazem tal escolha de objeto, pela autoconfiança que demonstram, acabam se tornando objeto de desejo daqueles que renunciaram à escolha de objeto do tipo narcísica, direcionando sua libido a objetos externos.

Se seguirmos o raciocínio freudiano, o empobrecimento do Eu dos enamorados está mais associado ao universo masculino do que ao feminino, pois se a escolha de objeto é do tipo de apoio, então “parece bem claro que o narcisismo de uma pessoa tem grande fascínio para aquelas que desistiram da dimensão plena de seu próprio narcisismo e estão em busca do amor objetal” (FREUD, 1914, p.33). Aqueles que demonstram total autossuficiência diante de outros como os bebês, criminosos, humoristas, etc.; são capazes de exercer maior atração daqueles que renunciaram ao seu narcisismo, pois eles parecem manter algo de um narcisismo perdido pela escolha objetal de tipo de apoio.

Há ainda uma característica importante que pode ser observada cotidianamente. As mulheres que, de acordo com a psicanálise, realizam escolha de objeto do tipo narcísico podem direcionar sua libido a objetos externos quando se

tornam mães, ou seja, sendo o bebê uma extensão de seu próprio corpo, elas podem amá-lo como amam a si mesmas, realizando, desta forma, um amor objetal.

Abaixo segue uma síntese das ideias de Freud sobre as escolhas objetais tal como aparecem no texto de 1914.

De acordo com o tipo de escolha narcísica, as pessoas amam:

- a) O que ela é;
- b) O que ela foi;
- c) O que ela gostaria de ser;
- d) A pessoa que foi parte dela.

Quanto ao amor surgido a partir do tipo de apoio:

- a) A mulher que amamenta;
- b) O homem que protege;
- c) Qualquer pessoa que ocupe uma das posições anteriores.

Para Freud, uma das confirmações da existência do narcisismo primário são as atitudes dos pais em relação aos seus filhos. Os genitores percebem no bebê sua onipotência perdida, que teve de sucumbir às exigências da cultura, submetendo-se às regras sociais, frustrando-se para adequar-se ao contexto do qual participa.

Para os pais, seus bebês não estão sujeitos a quaisquer leis. Nem toda regra válida a qualquer pessoa terá efeito sobre eles. O novo ser integrante da família será obrigado a atender os desejos frustrados de seu par parental, ser o herói, o homem economicamente bem-sucedido, representante de toda potência renunciada pelo seu pai para se incluir na sociedade. Quanto o bebê do sexo feminino terá que ser a princesa, perfeita, bela e desposar um príncipe no lugar da mãe: “His Majesty the Baby, como um dia pensamos de nós mesmos.” (FREUD, 1914, p.36).

Nas palavras de Freud: “No ponto mais delicado do sistema narcísico, a imortalidade do Eu, tão duramente acossada pela realidade, a segurança é obtida refugiando-se na criança. O amor dos pais, comovente e no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo dos pais renascido, que na sua transformação em amor objetal revela inconfundivelmente a sua natureza de outrora” (FREUD, 1914, p.36).

O narcisismo primário, aquele em que o indivíduo vivencia toda sua onipotência, será contido de diversas formas. O complexo de castração nos homens e a inveja do pênis na mulher desafiarão a onipotência e esta terá de se submeter ao imperativo da realidade. Isso, porém, não é suficiente para explicar o

desaparecimento do narcisismo no indivíduo adulto, devendo haver neste processo algum recalçamento, que surge quando conflitos entre o desejo do sujeito e as imposições sociais convergem em um mesmo plano psíquico, quando somente uma dessas forças prevalecerá.

O ideal do Eu, formado pela assimilação de normas, princípios, valores e modelos de ação, é uma tentativa de resgate da perfeição sustentada no narcisismo primário. O amor próprio, característico deste investimento libidinal, é um remanescente da onipotência narcísica da infância. Tendo sido persuadido a se submeter às exigências morais da consciência, o sujeito projeta seu Eu ideal (quando vivenciava sua plenitude egóica no narcisismo originário) no ideal do Eu para fazer ressurgir seu narcisismo perdido.

O conceito de ideal do Eu pode ser confundido com a sublimação, em virtude de em ambos os casos haver um distanciamento perante as experiências originárias de prazer. A sublimação, porém, consiste em um desvio da libido dos objetos diretamente sexuais, enquanto a idealização afeta tanto o Eu quanto o objeto e, não raro, enaltece o objeto de forma exagerada. Embora a idealização instigue a sublimação, é incapaz de fazê-la surgir, pois é necessário talento, disposição psíquica, caráter e uma série de componentes subjetivos. De acordo com Freud, “a formação de ideal aumenta as exigências do Eu e é o que mais favorece o recalque; a sublimação representa a saída para cumprir a exigência sem ocasionar o recalçamento.” (FREUD 1914, p. 40).

A partir de tais elaborações, Freud destaca que deve haver uma instância psíquica vigilante no Eu com o objetivo de fazer valer as exigências do ideal do Eu, comparando-o constantemente com o ideal narcísico. A esta instância, precursora incipiente do Supereu, Freud denomina de consciência moral, capaz de elucidar fenômenos neuróticos como o “delírio de ser notado”. Tanto os paranóicos quanto os neuróticos nos informam que parecem ser vigiados, como se estivesse presente alguma voz interior de alguém que dialogasse com o indivíduo na terceira pessoa. Estas manifestações não podem ser atribuídas unicamente a processos psicóticos, associando-se em geral às vivências do indivíduo na infância, quando o par parental, no intuito de educar seus filhos, lhe ditam as normas de conduta a serem seguidas. Os registros destas normas ficam alojados na consciência moral, informando ao indivíduo a melhor atitude a ser tomada em cada situação. Os pais, entretanto, não são os únicos a terem esta influência sobre a formação do Eu na infância; nas

palavras de Freud, “os educadores, instrutores e, como uma hoste inumerável e indefinível, todas as demais pessoas do meio (o próximo, a opinião pública)” contribuem para esta constituição. Semelhante função possui a censura onírica, distorcendo o conteúdo dos sonhos.

Além de tudo o que já foi comentado, é importante elucidarmos algo a respeito do amor próprio a partir de uma interpretação baseada no conceito de narcisismo. Se o amor próprio é aumentado na esquizofrenia e reduzido nas neuroses, então podemos confirmar a existência de dois destinos libidinais para a pulsão sexual: o Eu e o objeto, sendo que os distúrbios físicos e orgânicos são fatores desencadeantes de um rebaixamento do amor próprio. No entanto, não são as características anatomofisiológicas responsáveis por este rebaixamento, mas “enormes investimentos libidinais retirados do Eu” (FREUD, 1914, p. 45).

De acordo com Adler, como citado por Freud, a incapacidade ou capacidade reduzida de um órgão provoca uma supercompensação através de outros meios. Embora Freud concorde com tal afirmativa, ele ressalta que ela não é suficiente para explicar as habilidades desenvolvidas pelos indivíduos. Nas palavras de Freud: “Não são todos os pintores que sofrem de mal na vista, nem todos os oradores foram originalmente gogos” (FREUD, 1914, p. 45). Da mesma forma, a afirmação de Adler não se presta a explicar o funcionamento neurótico, pois não existe um aumento da quantidade de pacientes que se depreciam devido a sua constituição anatômica de pouca beleza, da mesma forma que uma quantidade expressiva de pacientes de rara beleza não se exaltam quanto ao seu aspecto, se desqualificando tanto quanto as primeiras.

Sintetizando as ideias propostas sobre o amor próprio em relação ao erotismo e com referência à organização libidinal, “é preciso distinguir se os investimentos amorosos estão em sintonia com o Eu ou se, ao contrário, experimentaram um recalçamento” (FREUD, 1914, p. 46). No primeiro caso, amar é um comportamento comum da vida do indivíduo, sujeito às vicissitudes convencionais, mas passível de satisfação. No segundo, a satisfação se torna impossível sem um objeto que possa restituir o narcisismo perdido.

O amor próprio pode ser dividido em 3 tipos: “Uma parte do amor-próprio é primária, resto do narcisismo infantil; outra parte se origina da onipotência confirmada pela experiência (do cumprimento do ideal do Eu); uma terceira, da satisfação da libido objetual” (FREUD, 1914, p. 47). O objeto de amor que possuir as

características que melhor sintonizem com as qualidades pretendidas pelo Eu será idealizado. Ele poderá, ainda, servir de satisfação substitutiva para encontro com o narcisismo infantil, ou seja, pode se identificar com aquilo que foi ou com aquilo que gostaria de ser. Este funcionamento libidinal pode ocorrer como ideal sexual em paralelo com o ideal do Eu, ainda que o tipo de escolha de objeto seja do tipo de apoio, pois, uma vez que a restituição do narcisismo primário se torna impossível devido às vias do recalçamento, uma forma de satisfazê-lo pode se realizar através de uma escolha de objeto em afinidade com a escolha do tipo narcísico. Freud denomina este movimento neurótico como a “cura pelo amor” (FREUD, 1914, p; 48). Independente da tentativa de cura escolhida pelo neurótico, supondo que esta cura seja possível e imaginando que isto seja um adoecimento psíquico, a cura pelo amor tem efeito de dependência do objeto, que pode ser psiquicamente nocivo ao indivíduo.

Freud ainda estabelece uma relação entre ideal do Eu e a relação do indivíduo com as massas. De acordo com ele, o ideal do Eu não tem aspectos exclusivamente individuais, possuindo também exigências sociais. Nas palavras de Freud, o ideal do Eu “é também o ideal comum de uma família, uma classe, uma nação” (FREUD, 1914, p. 49). Se este caminho social é realizado através de investimento da libido de objeto, atualizando o narcisismo do indivíduo, sua recusa pode fazer com que a libido retorne ao Eu na forma de homossexualidade invadida pela culpa.

A culpa, sentimento despertado por medo da perda do afeto parental, é aliviada quando ocorre projeção inconsciente em outras pessoas ou grupos sociais com o objetivo de resgatar esta relação afetiva. — A seguir veremos em maior profundidade a conexão entre o ideal do Eu e a psicologia da massa.

3 PSICOLOGIA DAS MASSAS

Posteriormente ao artigo “Introdução ao narcisismo”, Freud elaborou um extenso artigo sobre o funcionamento dos grupos sociais, suas organizações e aspectos psicológicos, que permitiam que tais agrupamentos fossem formados. Características específicas destas organizações têm relação direta com o conceito de narcisismo, tal como concebido por Freud em seu artigo de 1914.

Antes de correlacionarmos os dois artigos, faremos uma breve exposição dos conteúdos elencados por Freud em sua análise sobre as condições que permitem o surgimento destas uniões de grande quantidade de pessoas.

3.1. Compreendendo a psicologia das massas

Freud introduz o tema da psicologia das massas considerando os aspectos tanto pessoais e subjetivos quanto os aspectos sociais, de relação com outros. As características individuais são compostas por diversas influências, como familiares, de professores, de amigos, etc. Não seria possível dizer de uma psicologia individual completamente desligada das relações humanas e suas influências e, por consequência, das relações sociais. Ainda assim, algumas relações narcísicas de objeto podem trazer à baila outras possibilidades de interpretação do agrupamento de pessoas em torno de um único objetivo.

Ao iniciar sua exposição, Freud se utiliza do texto de Gustav Le Bon sobre o assunto. Ele aborda de forma descritiva os fenômenos que ocorrem dentro das massas. No entanto, as questões levantadas a respeito do tema são: O que é a massa? Qual é a sua capacidade de influência sobre a vida dos indivíduos? E que tipo de modificação psíquica acontece ao indivíduo?

Estas questões nasceram da observação de que os indivíduos inseridos em uma massa, não obstante toda educação que possuem, quando imersos na massa têm comportamentos, reações e pensamentos bastante diversos do que em condições isoladas. Para Le Bon, esta característica típica que a massa assume, como se tivesse uma identidade própria temporariamente, ele denomina alma da

massa. Inserido neste agrupamento, o indivíduo não é mais senhor de seus atos, mas passa a atender às exigências demandadas de seu grupo. É possível inferir que uma manifestação inconsciente pode estar surgindo, obscurecendo a consciência que parece turvada aos apelos contrários mais vigorosos.

Para Freud, as características ontogenéticas dos indivíduos que se encontram no inconsciente são despertadas quando o indivíduo se integra à massa, pois todo exercício que fizera com que ele se adaptasse ao convívio em sociedade é embotado. A heterogeneidade dos envolvidos fica diluída na homogeneidade da massa psicológica, sobre a qual Freud menciona a existência de caracteres herdados da ancestralidade do homem e que se encontram nas áreas mais profundas do inconsciente.

Uma das principais características é a sensação de onipotência sentida pelo indivíduo que pertence à massa, sentimento obscurecido quando fora dela. A explicação de Freud para esta característica passa por dois conceitos. O primeiro é a consciência moral, que vigia e controla nossos atos e que tem por representação inconsciente a educação promovida pelos pais, a influência de pessoas admiradas, ídolos, dentre outros. Esta consciência vígil fica, então, rebaixada, permitindo que emanções do inconsciente se tornem presentes. O segundo, o contágio psíquico, ou seja, a alteração psíquica promovida pelo contato com outras pessoas que possam influenciá-la, que na forma de seu ápice, induz o sujeito a atitudes que impelem ao risco de sua própria morte, em defesa do grupo. Atitude semelhante foi representada na obra cinematográfica “A onda” (tradução do título em português), baseada em fatos reais.

Tal sugestionabilidade da massa sobre o indivíduo remete ao transe hipnótico, comum nas experiências iniciais de Freud com a psicanálise ao lado de Breuer. O controle da vontade do indivíduo por parte do hipnotizador, inibindo pensamentos e exaltando outros, assemelha-se muito ao comportamento do sujeito inserido na massa. No entanto, Freud destaca a diferenciação de dois aspectos que diferenciam as massas do transe hipnótico: a ausência do hipnotizador e a influência recíproca que os integrantes da massa exercem uns sobre os outros.

Le Bon, citado por Freud, elenca diversas características associadas diretamente ao comportamento do indivíduo na massa. A onipotência vivenciada faz com que seus membros realizem ações heróicas, sem qualquer intenção de preservação de si, ajam com crueldade, sem qualquer tipo de crítica, fiquem

absorvidos por palavras com caráter mágico; sua grande dimensão fortalece o sentido de força e a diluição da personalidade individual na massa isenta o sujeito da responsabilidade. Todas estas características assemelham-se às formas de conduta dos povos primitivos. A crença inabalável nas palavras mágicas, a falta de crítica e as atitudes heróicas remetem a uma sensação de onipotência só existente quando o indivíduo está inserido na massa.

Dominado pela influência ilusória da massa, o indivíduo abdica da verdade e segue apenas o que a massa lhe dita. A característica fantasística da condição do sujeito imerso em seu grupo é comparável à fantasia dos neuróticos que realizam seus desejos fora da realidade. A realidade psíquica tem predominância sobre a empírica. Nas palavras de Freud: “Um sintoma histérico se baseia na fantasia, em vez de na repetição da vivência real, a consciência de culpa da neurose obsessiva, no fato de uma má intenção que jamais se realizou” (FREUD, 1921).

Le Bon ainda ressalta o fato de que a massa necessita de um líder e, devido a esta necessidade, qualquer integrante poderá assumir tal posto. Freud questiona a afirmação, pois não basta apenas algum dos indivíduos da massa assumir esta posição, é preciso que ele tenha uma real convicção inabalável em seus propósitos, que seja coerente com as intenções do grupo, e provoque a adesão dos demais participantes. Agrupamentos desta ordem podem ser encontrados em fatos históricos como a posição de liderança de Hitler durante a II Guerra mundial. Sua capacidade de manter o povo alemão coeso em seus propósitos, a completa desconsideração sobre qualquer crítica, a crueldade das ações, a supervalorização do grupo militar, a homogeneidade de interesses — todas estas características permitiram que uma população inteira agisse de acordo com a alma da massa, representada pelo seu líder.

No entanto, os agrupamentos não são formados apenas de massas cruéis, violentas e irresponsáveis. Existem massas com propósitos elevados e de grande altruísmo, cujos membros possuem o mesmo desinteresse pela autoconservação. Raramente o indivíduo tem o empenho necessário para tais realizações isoladamente. A massa fortalece seu propósito e o impele mais vigorosamente na direção de seu intento.

As características morais responsáveis por este investimento do indivíduo em ações elevadas são, geralmente, introjetadas no sujeito em contato com a cultura. Diversa desta posição é o desenvolvimento intelectual, de descobertas capazes de

alterar o contexto sociocientífico. Estas últimas se realizam apenas nos indivíduos reclusos e isolados de massas que lhe desviem sua atenção, mas não se pode furtar ao fato de que tal indivíduo, ainda que recluso, é influenciado pela comunidade na qual está inserido, não sendo sua criatividade fruto apenas de sua inteligência.

Pode-se dizer que a sociedade é uma massa formada por pessoas que partilham de interesses comuns, os mesmos que despertam os intelectos mais desenvolvidos. Sobreposta a esta, como dito por Freud, estão as massas formadas contingencialmente para atender a objetivos comuns. Este agrupamento é denominado por McDougal como “multidão”, para designar sua falta de organização. Freud discorda dessa ideia, e com razão, dizendo que mesmo nas multidões existe alguma organização, mesmo que não tão estável e orientada como uma sociedade cuja cultura se estende por séculos.

McDougal, citado por Freud, elenca 5 características básicas das massas organizadas: continuidade, vínculo afetivo, rivalidade com outras massas semelhantes, costumes e funções específicas. Freud comenta que estas características eram a realidade singular dos indivíduos, desaparecendo quando eles passaram a pertencer a uma massa. Os homens primitivos possuíam “sua continuidade, sua consciência de si, seus hábitos e tradições, seu trabalho e colocação particular” (FREUD, 1921).

Nenhuma pessoa, em sua plena consciência da realidade, se submeteria aos exageros emocionais das massas, ainda que inserido nela, se não houvesse uma força que permitisse ao indivíduo obliterar seu raciocínio, intensificar seus afetos e reagir de forma quase primitiva e irracional. Os autores consultados por Freud foram coincidentes em afirmar que existe uma influência mútua entre os integrantes da massa. Freud opta pelo termo sugestão ou sugestionabilidade para definir este fenômeno. Para ele, esta capacidade de assumir interesses e desejos de outros, com efetivas demonstrações emocionais, é o mesmo que o contágio psíquico. Tal como acontece às históricas, o contágio psíquico é a capacidade de se influenciar por ideias de outras pessoas próximas a si.

A organização libidinal surge como uma possibilidade de explicação desta característica fundamental para a união das pessoas na massa. A libido é uma energia não quantificável que pode ser direcionada para outros objetos afetivos além dos sexuais diretamente, como professores, pais, irmãos. Pode ainda ser a energia que impele o indivíduo às mais altas aspirações artísticas, religiosas ou intelectuais.

Esse conceito serve perfeitamente para explicar o que mantém unidos os integrantes da massa. Eros é a energia que aproxima as pessoas, criando laços de amor, energia que tende a conservar a proximidade com aqueles a quem se ama. Aquele que ama se coloca em risco pelo outro, faz concessões e sacrifícios por ele. Tem a consciência rebaixada, só encontrando verdadeira realização no contato com seu objeto de amor.

Podemos definir as massas nas seguintes categorias:

Quanto ao tempo: duradouras ou passageiras;

Quanto à distribuição: homogêneas ou heterogêneas;

Quanto à natureza: naturais ou artificiais;

Quanto à organização: organizadas ou desorganizadas;

Quanto à liderança: com e sem líder;

Quanto à adesão: por coação ou afinidade.

Ao mencionarmos as massas artificiais, usaremos como exemplo as religiões e o exército, comparando-as a fim de compreender o funcionamento destas “massas bastante organizadas, duradouras e artificiais” (FREUD, 1921). Ambas as estruturas necessitam de um certo grau de coação para manter seus membros que, optando por se desligar destas massas, serão severamente punidos. O discurso cristão coloca Jesus como o modelo a ser seguido, cujos preceitos está o de que “ninguém vai ao Pai senão por mim”. Tenta-se rebaixar a consciência do indivíduo, citando a perfeição e a fé como molas mestras da proximidade com Deus, o Pai supremo. Quanto mais imperfeição, quanto mais tragédias acontecem à vida dos indivíduos, mais eles se sentem infiéis e, para compensar suas fraquezas, apegam-se à imagem de Jesus para ter contato com o Pai. As regras doutrinárias os obrigam a se manterem fiéis à doutrina professada, sob pena de ir, após sua morte, para o inferno, purgatório ou qualquer outro destino não menos trágico. O indivíduo que se afasta de sua religião tenderá a ser castigado por uma imagem de tortura, terror e sofrimento. Qualquer menção em desligar-se de sua fé é imediatamente rechaçada por seus pares.

Como bem menciona Freud, os membros de uma igreja como a católica funcionam como uma grande família, pois se são todos filhos de Deus, sendo Jesus também seu filho, então todos são irmãos em Cristo. Embora algumas organizações religiosas impliquem em uma certa hierarquia, como os padres, bispos, arcebispos, cardeais e papa da igreja católica, nem todas possuem tal organização, o que não

as coloca em posição muito diferente da católica no que concerne à coação para sua manutenção.

Diferente de massas militares, o líder geral das igrejas é sempre um Pai totêmico, tendo sua imagem engrandecida pela não existência no plano físico, mas apenas na fantasia de seus membros. Esta, como acontece aos neuróticos, é uma forma de realização de desejo sem passagem ao ato, particularmente o desejo de sobreviver à própria morte, de que sua consciência continuará e perpetuará o desejo narcísico de não desaparecimento.

É esta fantasia de eternidade que coloca a coação em posição de vantagem na manutenção do grupo. Se o espírito ou alma do indivíduo, aquela entidade intangível que carrega a consciência do sujeito, é capaz de sobreviver à morte, então tudo aquilo que puder garantir que a “vida após a morte” seja agradável e sem sofrimento, será desejado e buscado com todo empenho possível. Qualquer sofrimento antes da morte terá recompensa satisfatória no pós-morte e fará o sujeito se aproximar da perfeição e, conseqüentemente, de Jesus e Deus, as figuras totêmicas das religiões.

A libido direcionada às imagens de perfeição e aos membros do grupo é o que permite sua continuidade. Um afeto é despertado no indivíduo que ingressa na religião, seja pela imagem de grandeza de suas entidades maiores, seja pelo convívio social encontrado no grupo. Tendo sua libido encontrado ambiente propício ao indivíduo para escolhas objetais, elas se manifestarão e proporcionarão ao sujeito o acolhimento necessário à sua permanência na religião.

Diferente da igreja, mas não menos coercitiva, é a massa do exército. Também aqui existe um grau elevado de coação. O desertor é punido, em muitas situações, com a própria morte. Seu destino não é tão melhor em situação de combate, mas, neste último caso, existe o apoio mútuo que cria uma forte ligação entre colegas. Antes de acontecimentos tão dramáticos existe o treinamento, a disciplina e a obediência, que garantem a sobrevivência da estrutura militar, mas busca-se também conhecimento de estratégias que permitam que os soldados não pereçam com facilidade.

Nesta organização existe também uma estrutura hierárquica que difere um tanto da estrutura religiosa. Cada patente, soldado, cabo, sargento, tenente, capitão, major, coronel, general e marechal, possuem funções bem específicas que

contribuem para a união do grupo. Suas práticas exigem uma coesão para que os riscos que venham a correr sejam minimizados.

Tal como na igreja católica, onde Jesus ocupa o lugar de liderança, o general também deve ocupar uma posição de admiração e respeito pelos seus subordinados. Esta submissão não pode ser conseguida apenas com opressão, sendo necessário um componente libidinal que incite seus membros às atitudes mais heróicas. Segundo Freud, foi esta ausência afetiva entre os comandantes e seus subalternos que contribuiu para a derrota da Alemanha na primeira guerra mundial. As ações dos soldados não eram originadas por uma real motivação, eram resultado de forças autoritárias que obrigavam os sujeitos a executarem o que lhe fosse ordenado. Tais comportamentos contribuíram intensamente para os sofrimentos dos soldados e o surgimento das neuroses de guerra. Nas palavras de Freud: “é lícito afirmar que o tratamento sem amor que o homem comum recebia dos superiores estava entre os maiores motivos da doença” (FREUD, 1921).

Em ambas as estruturas, os indivíduos não possuem qualquer tipo de liberdade, pois suas atitudes são controladas por regras. Suas intenções de se desligarem são recriminadas, podendo, em grau mais elevado, conduzir à morte.

A libido nas duas situações tem duplo destino. Um na direção do líder e outra investida nos integrantes do grupo. O desligamento do grupo, então, se torna um desligamento de libido, que se intensifica em certas situações. O pânico em um agrupamento militar é um exemplo. Os laços libidinais que uniam seus membros são quebrados e o indivíduo se percebe sozinho em meio a uma multidão, sendo então capaz de assimilar com mais nitidez os riscos de suas ações. A libido liberada, antes investida na massa se torna angústia. Esta, por sua vez, conduz o sujeito a mecanismos de defesa baseados tanto no princípio da realidade como no princípio do prazer. O primeiro faz com que entre em ação sua pulsão de auto-conservação, fazendo com que ele fuja da zona de perigo, reduzindo, tanto quanto possível, a ameaça vigente. O segundo, porque, não havendo libido investida no grupo, não existe mais a satisfação que o mantinha unido à massa. O que era prazer transforma-se imediatamente em desprazer, fazendo com que o neurótico procure afastar de si o mais depressa possível aquilo que lhe causa desconforto extremo.

É certo que o pânico não ocorre apenas nas massas, podendo se dar individualmente. De qualquer forma, em muitas situações ele intensifica a percepção da ameaça, ganhando dimensões para além do que se consideraria real. Mas o foco

de interesse no momento é o resultado de tal sensação dentro de um agrupamento como o exército. Para Freud, o que mantém os integrantes de uma força militar é o seu líder, para o qual converge a libido de todos os seguidores. Quando este se perde ou não existe, a desintegração da massa é iminente, e a libido retorna como angústia avassaladora.

No catolicismo, por não haver um líder que possa facilmente desaparecer, pois Jesus não é dotado de um corpo físico, o despertar do pânico se torna quase impossível de acontecer. Ainda assim, não se pode desconsiderar o caráter coercitivo do grupo sobre cada participante. Sabendo-se que Jesus ressuscitou e que, desta forma, todos os cristãos irão ressuscitar, se houvesse alguma comprovação de que a essência divina de Jesus não é verdadeira, haveria imediatamente um desligamento libidinal de seus integrantes, levando-os a afastar de qualquer dogma católico, conduzindo as sociedades católicas a um caos.

Mesmo que tal situação hipotética não se concretize, os integrantes de uma massa sempre têm seus opositores e os religiosos não são exceção. Apesar da pregação religiosa de que Deus é amor e Jesus o seu maior expoente, os cristãos, em diversas situações combatem com violência e crueldade aqueles que não professam sua religião, sejam pertencentes a outras congregações, sejam indivíduos sem qualquer ligação religiosa.

Tais comportamentos podem ser percebidos na sociedade contemporânea em outros tipos grupais. Torcedores de um clube de futebol terão excessiva rivalidade com os de outros times, afiliações partidárias serão intolerantes com membros de partidos opositores; quaisquer grupos semelhantes o suficiente para terem objetivos similares, mas que tenham diferenças que os fazem competir, podem gerar tal aversão. Nas palavras de Freud: “O líder ou a ideia condutora poderia tornar-se negativo, por assim dizer; o ódio a uma pessoa ou instituição determinada poderia ter efeito unificador e provocar ligações afetivas semelhantes à de pendência positiva” (FREUD, 1921).

Ainda será necessário explorarmos outros conceitos para compreender com mais detalhes as forças libidinais que unem os membros de uma massa e o conceito de identificação é um deles. Esta é uma ligação libidinal que faz com que um indivíduo procure se igualar a um modelo, aquele a quem se admira e em quem colocam todos os esforços para possuir as suas qualidades notáveis.

Não é mistério para a psicanálise os processos identificatórios que ocorrem no complexo edípico. Em condições “típicas”, um filho adota o pai como modelo, pois este tem uma relação afetiva com a mãe que ele não tem, e a toma como objeto de amor do tipo de apoio. No desenvolvimento infantil, a criança percebe que necessita eliminar o pai para ocupar o seu lugar e ter a mãe exclusivamente para si. Deste movimento nasce a ambivalência afetiva: o pai admirado e modelo de identificação também é odiado e deve ser aniquilado.

No entanto, pode acontecer uma inversão. A mãe até então amada pode se tornar também uma referência. A mãe deixa de ser um objeto de desejo e se torna o modelo identitário da criança. O pai toma o lugar de objeto de amor e o desenvolvimento libidinal do sujeito encontra destinos não esperados. Nas palavras de Freud: “É fácil exprimir numa fórmula a diferença entre essa identificação com o pai e a escolha do pai como objeto. No primeiro caso o pai é aquilo que se gostaria de *ser*, no segundo, o que se gostaria de *ter*. Depende, portanto, de que a ligação recaia no sujeito ou no objeto do Eu” (FREUD, 1921).

A identificação neurótica tem funcionamento diverso daquela do complexo edípico. A criança, na tentativa de igualar à sua mãe, por exemplo, passa a apresentar sintomas típicos da genitora como forma de expressão de amor por seu pai. Utilizando-se do sintoma da mãe, a menina elege o sofrimento como reparação pela culpa de desejar o desaparecimento de sua mãe.

A manifestação de sintomas neuróticos pode acontecer também por identificação com o objeto amado ao invés de ser pelo seu modelo admirado. No caso Dora, como mencionado por Freud, seus sintomas estavam identificados com seu pai que, na interpretação freudiana, era seu objeto de amor. Não entrarei aqui em questões polêmicas sobre tal afirmativa, pois o próprio Freud coloca a possibilidade de uma homossexualidade de Dora. Caso isto se confirmasse, se aplicaria o primeiro sentido da identificação neurótica e não o segundo. Para fins de esboço teórico, consideraremos as afirmativas de Freud como corretas, adotando a argumentação de uma heterossexualidade feminina.

Há ainda uma outra possibilidade na descrição da economia da identificação, em situações onde não existe ligação libidinal direta. O exemplo típico de Freud para esta ocorrência está no universo da histeria. O sintoma de uma mulher pode ser adquirido de outra por identificação com a vivência dela e não por ela mesma. Se uma mulher se irrita ou se deprime por uma experiência infeliz, não raro outras

mulheres em seu entorno, de forma inconsciente passam a sofrer do mesmo mal. A irritabilidade ou a depressão adquirida foi resultado de acontecimentos na realidade que tiveram ressonância nas mulheres que a circundavam. Nas palavras de Freud: “Um Eu percebeu no outro uma analogia significativa em certo ponto — em nosso exemplo, na mesma disposição afetiva —, constrói-se uma identificação nesse ponto, e sob influência da situação patogênica essa identificação se desloca para o sintoma que o Eu produziu” (FREUD, 1921).

Desta forma, podemos dividir o mecanismo gerador da identificação em 3 tipos: por ligação primária libidinal a um objeto, pela introjeção do objeto no Eu e por pontos de interesse no contato com pessoas a quem não possui qualquer ligação afetiva.

É fácil perceber que a identificação dos membros de uma massa com seu líder promove esta ligação libidinal, permitindo a manutenção de seus integrantes no grupo e comunicando os modelos de conduta a serem seguidos, como tentativa dos indivíduos de se assemelharem a seu líder. Pela primitividade deste sentimento, que está nas origens da formação do complexo edípico, pode-se inferir o caráter infantil de tal admiração.

Da introjeção do objeto no Eu podemos ainda inferir outros desdobramentos. A melancolia é um sintoma característico desta introjeção. O Eu clivado tem uma parte identificada com o objeto, enquanto outra, movida pela instância moral, agride e pune este objeto inconsciente. Nas palavras de Freud: “A sombra do objeto recai sobre o eu” (FREUD, 1921). — Até este momento do pensamento freudiano não havia se consolidado o conceito de supereu, mas é inequívoco que esta instância moral é sua precursora.

Outros aspectos da vida anímica podem nos auxiliar na explicação psicanalítica dos fenômenos de grupo: o enamoramento e a hipnose. O primeiro é o estado em que o Eu do indivíduo, tendo o seu narcisismo primário sucumbido ao recalçamento, encontra em um objeto de amor características que permitem a restauração do narcisismo perdido. A força de tal atração faz com que haja um enfraquecimento da capacidade de crítica do sujeito. Ao objeto de sua afeição não se impõem limites, defeitos, impossibilidades. Ao seu enamorado atribuem-se toda perfeição, beleza, honestidade, bondade e demais atributos que possam estar vinculadas às mais altas qualidades.

O comportamento da massa perante seu líder é análogo ao sujeito enamorado. O líder não tem imperfeições, sua fala é dotada de certezas e verdades, sem possibilidade de equívoco. Segui-lo é uma honra e um dever.

As particularidades do enamoramento também podem ser associadas ao transe hipnótico. Embora não exista aqui uma massa, de acordo com Freud, pode-se considerar uma massa a dois. Nele o sujeito em transe está completamente submisso às palavras do hipnotizador. Todo o restante é desprezado e sua atenção está hiperfocada na condução das ordens. Não é muito diferente da atitude das massas em relação a seu líder. Como hipnotizados, os membros de um agrupamento seguem as ordens que o líder lhes direciona sem qualquer avaliação ou julgamento. Imersos na massa, são capazes das maiores atrocidades, crueldades e perversidades. Nada do que o líder ordena se sujeita à insubordinação, e caso ela ocorra, é severamente punida pelos integrantes da massa, pois a desobediência é vista como ofensa ao líder e ao grupo.

A admiração do grupo em relação a seu líder é comparável à dirigida ao pai totêmico concebida por Freud em "*Totem e tabu*". Para ele, a orda primeva é o momento antropológico do surgimento da cultura, quando regras são instituídas, proibições são estabelecidas, e a culpa pelo assassinato do pai primevo ressoa no inconsciente filogenético da humanidade. Ao pai morto é concedida toda perfeição, admiração e respeito, tornando-se uma divindade para os que o seguem.

Aqui temos de distinguir dois tipos de líderes: os presentes e os ausentes. Os primeiros são vistos, é possível interpelá-los a qualquer momento. Embora colocados em posição de superioridade, existem no plano real. Os segundos se assemelham a Jesus, pois suas palavras são seguidas pelos membros da igreja, mas não é possível um contato real com ele. Sabemos que a realidade psíquica interfere diretamente na forma como os religiosos interpretam suas ações diante de seus dogmas e a possibilidade de dialogar com seu líder. Enquanto o pai está presente, os integrantes da massa estão unidos e coesos na direção orientada pelo líder. Seu desaparecimento, como citado acima, provoca pânico e desorganização. Os laços libidinais que permitem a manutenção dos membros do grupo se desfazem e retornam ao Eu transformados em angústia. Como Jesus é um líder cuja ideia de sua existência é o que promove a ligação libidinal, torna-se impossível seu desaparecimento. Como o pai totêmico, ele ocupa um lugar privilegiado na consciência dos que o seguem e, como não há como desaparecer o que já não

existe, a união do grupo é fortalecida e mais perene do que aquelas cujo líder se encontra na realidade.

Tal como o pai totêmico, o líder de uma massa que existe na realidade pode ser cruel e indiferente. Na posição elevada em que se encontra em relação a seus subordinados, sua relação de objeto com estes é do tipo narcísico. Uma posição de superioridade paira em todas as suas ações. Aqueles que o seguem só o servem se realizarem todas as suas vontades e só têm utilidade para o líder nestas condições. Seu Eu não se encontra rebaixado. Ao contrário, possui uma crença absoluta em sua onipotência e não percebe nada além dos próprios desejos. Embora não sejam todos os líderes que possuem tal relação com a massa que os serve, estabelecendo vínculos afetivos com o grupo, não podemos descartar a existência daqueles aos quais a massa lhe é completamente indiferente no aspecto afetivo.

Até agora só elaboramos a respeito de massas com líder. No entanto, existem outros tipos de massas que não possuem um líder direto. Nas primeiras o vínculo libidinal do indivíduo é mais forte em direção ao líder, mas não se pode descartar a existência destes mesmos laços entre os membros. Esta dupla orientação da libido nos permitiu até o momento explorar as relações do grupo com seu líder e deste com os seus participantes. Ainda não tivemos a oportunidade de compreender o funcionamento da conexão entre os componentes da coletividade.

Freud menciona W. Trotter para trazer luz aos mecanismos capazes de unir, organizar e manter associações de pessoas apenas por ligações libidinais mútuas, sem a presença de alguém que lhes dite as normas e a conduta, onde a reciprocidade é o que rege a harmonia entre seus partícipes. A tendência do ser humano em ser confirmado em suas ações pela aprovação de seu grupo faz com que exista uma forte ligação entre seus componentes. É como uma manifestação da libido em agregar-se a outros iguais, tal como na pulsão de vida.

No entanto, pela incapacidade de autonomia dos indivíduos ao se integrarem nessas massas, qualquer modificação ou alteração no seu comportamento é imediatamente repudiada. Tal como na caverna de Platão, não pode haver diferença entre os elementos da sociedade em que se participa.

Outro aspecto importante nestes agrupamentos é a noção de justiça. Nenhum dos membros pode sobressair em relação aos outros. A exigência de justiça torna a tolerância do grupo muito hostil em relação àqueles que tentam violar as regras. Todo elemento que se coloque em posição de privilégio ou superioridade deve

retornar à sua condição de igualdade para continuar a pertencer ao grupo. Tal como na inveja kleiniana (KLEIN, 1957), qualquer evento ou objeto que provoque a ascensão de um de seus membros deve ser retirado para que este seja nivelado aos seus componentes. Nas palavras de Freud: “Justiça social quer dizer que o indivíduo nega a si mesmo muitas coisas, para que também os outros tenham de renunciar a elas ou, o que é o mesmo, não possam pretendê-las. Tal exigência de igualdade é a raiz da consciência social e do sentimento do dever” (FREUD, 1921).

3.2. Relação entre narcisismo e psicologia das massas

Após a exposição teórica do narcisismo e da psicologia das massas, não obstante as referências no capítulo sobre a psicologia das massas, onde a teoria sobre o narcisismo pôde contribuir para elucidar os fenômenos grupais, já poderemos estabelecer em bases mais sustentáveis as relações entre as duas teorias.

Os fenômenos grupais têm, por excelência, laços libidinais entre seus integrantes e, existindo um líder, na identificação com este. O caráter onipotente das massas, o fortalecimento pela união do conjunto, a perversidade de suas ações, a realização do gozo à custa de sofrimento alheio, a indiferença a este sofrimento e a crença inabalável em seus propósitos permitem comparar tais atitudes com a posição narcísica dos indivíduos.

No narcisismo primário, nas primeiras fases do desenvolvimento libidinal, as crianças, como definido por Freud, vivenciam uma sexualidade pervertida e polimorfa, não existindo uma instância moral capaz de julgar suas atitudes, nem lhes impor limites: assim também ocorre, mais tarde, com os pertencentes a uma massa. O narcisismo primário deve ser superado em prol da imersão no ambiente social. À medida que o sujeito se frustra, confrontando-se com a realidade que impõe limitações a sua onipotência, a criança começa a ingressar na sociedade. Durante a infância, a identificação com outras crianças no convívio social permite a ela perceber as barreiras às quais é obrigada a suportar. Gradativamente a vivência originária do narcisismo passa a ocupar um lugar no inconsciente, mas jamais é abandonada.

O Eu ideal, aquele dotado de perfeição, cujos limites não existiam e ao qual nenhuma regra lhe coíbe as atitudes já não mais existe. Os ídolos primários, amados e desejados, sejam pai, mãe ou qualquer um que ocupe esta posição, têm sua imagem recalcada pela criança. O tabu do incesto lhe impede o acesso ao seu objeto de desejo. A culpa e a admiração por um daqueles que faz parte do par parental revelam a ambivalência dos sentimentos infantis.

Quando um objeto como o líder de uma massa ocupa o lugar de ideal do Eu, tal que seus constituintes o tenham como modelo e se identifiquem com ele, desencadeia-se um retorno a uma posição infantil primária. O complexo de castração, marcador da quebra da onipotência, enfraquece-se no contato com a massa, pois aos membros desta tudo é permitido, orientados por aquele capaz de lhe resgatar a fase sádico-narcísica. O ídolo infantil, representante do par parental, havia sido investido de forma identitária, e, posteriormente, o líder da massa ocupa o lugar de destino libidinal com impedimento da meta sexual, fazendo com que todo conteúdo recalcado emergja de forma virulenta. Mergulhados na cultura, todos os elementos recalcados estão sob contenção. No contato com a massa esta contenção é suplantada pelos laços libidinais com o grupo.

Seja em um grupo com um líder, como o exército ou a igreja, seja em uma associação sem liderança fixa como na escola ou nos times de futebol, a organização inconsciente dotada de libido que foi controlada no contato social enfraquece. Só o desejo do grupo deve ser satisfeito a qualquer preço, até mesmo o da própria vida. O fortalecimento da união do grupo é composto pela pulsão de vida, capaz de agregar energia libidinal para manutenção da coesão da assembleia. O poder destrutivo da massa em relação a outras com as quais compete pode ser considerada uma manifestação da pulsão de morte, com o desejo de que a rival desapareça, fazendo com que ela retorne ao estágio desorganizado no qual se encontrava antes de seu aparecimento.

No entanto, se a união do grupo permite uma inferência sobre a pulsão de vida, a diluição da personalidade do indivíduo pertencente à massa, fazendo com que ele “desapareça” dentro dela, pode ser considerada uma manifestação da pulsão de morte.

Na massa o Eu é investido libidinal e narcisicamente, permitindo que toda conquista do indivíduo ao se introduzir na sociedade seja temporariamente negligenciada. Quando a libido do indivíduo se desliga do grupo, a instância moral,

representada pelo supereu, pelas regras aprendidas com o par parental, com professores, com colegas e outras associações das quais o indivíduo participou até o momento, é despertada como instância julgadora, punindo psicicamente o indivíduo pelas ações contrárias a toda construção de sua personalidade. É provável que, quanto maior a intensidade dos sentimentos e ações contrárias ao imperativo superegóico, mais o indivíduo se mistura à massa como forma de não confrontar a culpa que daí surgirá ao se desligar do grupo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nascido de uma disputa teórica entre Freud e Jung, o texto “Introdução ao narcisismo”, de 1914, trouxe um amadurecimento maior para ideias que, embora já aparecessem em diversos artigos anteriores, não estavam devidamente organizados. O surgimento destas novas ideias deu subsídio para textos como “Psicologia das massas e análise do Eu” e “O Eu e o Isso”.

Embora inequívocas as repercussões do narcisismo para a psicologia das massas, contribuindo diretamente para sua compreensão, alguns conceitos freudianos não estavam devidamente consolidados para um aprofundamento teórico associando narcisismo, psicologia das massas e a segunda teoria pulsional. Da mesma forma, apesar de o narcisismo primário remeter a uma fase pré-edípica, foram desenvolvidas relações diretas das fases do desenvolvimento libidinal com os dois textos trabalhados de forma a trazer mais clareza aos aspectos destas fases que ecoam nas personalidades imersas nas massas.

Assim, o objetivo deste trabalho foi o de explorar mais detalhadamente as fases do desenvolvimento pulsional a partir daquilo que o narcisismo, relacionado à psicologia das massas, trouxe como explicação para esta relação conceitual. Em acréscimo a esta exploração teórica, buscamos elucidar os efeitos mortíferos da imersão nas massas e sua ressonância para a vida do indivíduo quando, desligados das massas, são punidos por suas injunções superegóicas.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, M T. M. As fronteiras do Eu na psicose – O trabalho pioneiro de Paul Federn. ***Psicologia em Revista***, Belo Horizonte, v. 9, n. 13, p. 43 -58, Jun. 2003.

FREUD, S. Além do princípio do prazer (1920). *In*: Freud, S. ***História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)***. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 14, p. 161-239.

FREUD, S. **Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu (1921). *In*: Freud, S. ***Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)***. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. v. 15, p. 13-113.

KLEIN, M. Inveja e gratidão (1957). *In*: KLEIN, M. ***Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)***. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

GARCIA-ROZA, L. A. Introdução à Metapsicologia Freudiana 3: Artigos de metapsicologia, 1914-1917: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

PLATÃO. Livro VII. *In*: PLATÃO. ***A República***. São Paulo: Nova cultural, 1997.